

A decodificação dos sentidos não-literais do texto: uma análise de letras de músicas

The decoding of non-literal meanings of the text: an analysis of lyrics

Antonio Escandiel de Souza*
Ana Paula Gomes Coimbra**

RESUMO: O presente artigo é resultado da análise dos implícitos presentes nas letras das músicas "Meu mundo é o barro" e "A minha alma (a paz que eu não quero)", ambas da banda "O Rappa". O estudo teve como objetivo identificar os pressupostos e subentendidos explorados nos textos e, para isso, utilizou-se um modelo de análise apresentado por Zandwais (1990), por meio do qual constatou-se que as letras de músicas são ricas em informações implícitas e que estas são importantes estratégias para dizer o que não pode ser dito explicitamente. Além da autora mencionada, Kleiman (2004), Smith (2003), Martins (2003) entre outros, contribuíram para o aporte teórico.

Palavras-Chave: Pressupostos. Letras de músicas. Análise. Implícitos.

ABSTRACT: This article is the result of the analysis of the implicits in the lyrics of songs "My world is mud" and "My soul (the peace that I do not want)," both from the band "The Rappa." The study aimed to identify the assumptions and implied explored in texts, and for this we used an analysis model presented by Zandwais (1990), by which it was found that the lyrics are rich in information and implied that these strategies are important to say what can not be said explicitly. Besides the mentioned author, Kleiman (2004), Smith (2003), Martins (2003) among others, contributed to the theoretical.

Keywords: Assumptions. Lyrics. Analysis. Implicits.

Considerações iniciais

O uso da língua, em suas diferentes formas, está sempre presente no nosso cotidiano. Por meio da fala, da escrita, de imagens, e outras formas de comunicação, é possível passarmos ou obtermos informações, visto que textos,

* Doutorado em Estudos da Linguagem/Linguística Aplicada pela UFRGS. Professor adjunto e pesquisador na Universidade de Cruz Alta - UNICRUZ, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social - Mestrado - desta mesma universidade. Pesquisador líder do Grupo de Estudos Linguísticos (GEL/UNICRUZ).

** Graduação em Letras Português/Inglês (UNICRUZ). Professora na Rede Pública Estadual de Ensino e integrante do Grupo de Estudos Linguísticos (GEL/UNICRUZ).

discursos, músicas e figuras são formas distintas de apresentação da língua e, portanto, grandes fontes de informações.

No entanto, muitas vezes, as informações presentes na letra de uma música, por exemplo, só podem ser identificadas por meio da análise dos implícitos, que, quando explorados estrategicamente, acabam, por vezes, dificultando o entendimento do leitor ou ouvinte.

Pensando nas dificuldades que muitas pessoas encontram para extrair os sentidos do texto, o objetivo desta análise é identificar, nas letras de duas músicas da banda "O Rappa", os implícitos nelas existentes.

Todavia, compreende-se a presença dos implícitos nas letras de músicas pelo fato de que, na maioria das vezes, quem as escreve possui críticas a algo ou alguém, mas nem sempre pode direcioná-las a quem deseja, devido a, provavelmente, ter de assumir responsabilidades por isso.

As músicas analisadas, por exemplo, evidenciam uma crítica à sociedade ou a uma falta de atitude dos governantes. Os autores das letras, assim como a grande maioria das pessoas, não expressam explicitamente o que pensam, temendo opressões ou represálias. No intuito de eximir-se da responsabilidade por críticas realizadas, fazem uso dos implícitos, sendo essa, uma forma que têm de se expressarem. Diante disso, optou-se por realizar a análise das letras dessas duas músicas, as quais são ricas em informações implícitas.

Autores como Zandwais (1990), Souza, Pasinato e Wahys (2011), entre outros, serviram de base teórica para a análise, pois definem os termos pressupostos e subentendidos, bem como ressaltam a importância dos implícitos para o processo de comunicação.

Definições de leitura

Ao abordar a questão da leitura, deparamo-nos com diferentes definições e, dentre as várias concepções, Souza (2002, p. 13), considera a leitura como "uma atividade intelectual que, além da compreensão e

interpretação, exige uma postura crítica indispensável ao contexto social atual". Ou seja, ao praticar o ato de ler, é possível entender e interpretar o que foi escrito, ao mesmo tempo em que se pode obter conhecimento e desenvolver a criticidade.

No entanto, para Martins (2003, p.31), as concepções de leitura podem ser sintetizadas em duas caracterizações:

- 1) Como uma decodificação mecânica de signos linguísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo resposta (perspectiva behaviorista-skinneriana);
- 2) Como um processo de compreensão abrangente cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo sociológica).

Logo, se por um lado considera-se a leitura apenas como o ato de decodificar signos linguísticos, por outro, atemo-nos à concepção de que a compreensão de um conjunto de caracteres acarreta na absorção de variadas informações e sensações.

Contudo, quando o indivíduo lê, acaba por absorver para si, ideias, entendimentos e compreensões, geralmente vindas dos próprios textos, que serão utilizadas na sua prática social, bem como influenciarão na construção do conhecimento do leitor.

Assim, podemos considerar a leitura não como um processo simples e sem propósito algum, mas como uma ferramenta útil na formação intelectual do ser humano que, por meio dela, exterioriza suas experiências, conhecimentos e emoções.

Segundo Smith (2003, p. 198):

A leitura nunca é uma atividade abstrata, sem finalidade, embora seja frequentemente estudada desse modo por pesquisadores e teóricos e, infelizmente, ainda seja ensinada deste modo para muitos aprendizes. Os leitores sempre leem algo, leem com uma finalidade; a leitura e sua memorização sempre envolvem emoções, bem como conhecimento e experiência.

Percebe-se que a leitura reflete, sempre, de alguma forma, na vida de quem lê ou vice-versa. As experiências vividas acabam influenciando no modo como o leitor entende o texto, de modo que o compreenda através da interferência do seu conhecimento prévio e as emoções já adquiridas por ele, acabando por interferir no significado da leitura.

Neste sentido, a leitura não pode ser compreendida sem levarem-se em consideração os fatores perceptivos, cognitivos, linguísticos e sociais, não somente da leitura, mas do pensamento e aprendizado em geral (SMITH, 2003, p.13). Ou seja, a leitura só faz sentido para quem lê, quando se pode confrontá-la com o conhecimento e as emoções já obtidas.

Quando se pratica a leitura, é possível entender e interpretar, ao modo do leitor, por meio da sua bagagem cultural, social e intelectual, um significado particular do que está sendo lido.

Além da interferência de quem lê, ocorre uma interação, uma troca de conhecimentos entre leitor e autor, uma interação social entre ambos. Nesse sentido, Kleiman (2004, p. 10) entende a leitura como “um ato social entre dois sujeitos, leitor e autor, que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades totalmente determinadas.”.

É possível, portanto, perceber que a leitura não pode ser vista como uma simples identificação ou decodificação de palavras, mas também, como um meio de relacionar autor e leitor, interagindo-os e fazendo da leitura uma prática social.

Quando ocorre a relação autor-leitor, há uma integração de conhecimentos e ideias, pois quem escreve transpõe seus pensamentos e inquietações e quem lê acaba refletindo tudo isso. Ao praticar a leitura, o indivíduo contribui intelectualmente tanto para si, quanto para o seu contexto social.

As pessoas precisam se conscientizar sobre a importância do desenvolvimento do hábito de ler, pois quem lê está em contato com várias ideias, amplia conhecimentos e está apto para opinar, criticar. Quem lê adquire muito mais experiência e conhecimento de mundo, tem grandes chances de

escrever bem, dispõe de um vocabulário mais rico e compreende melhor a estrutura gramatical e as normas ortográficas da Língua Portuguesa (LOPES, ROSOLIN e MORELLI, 2004).

Desta forma, a leitura configura-se como uma grande fonte de intelectualidade para o ser humano, pois por meio dela, é possível desenvolver a escrita, a criticidade e adquirir ainda mais conhecimentos e experiências.

Porém, apesar de considerar toda a importância que a leitura tem na vida de um cidadão, percebe-se que, cada vez mais, a leitura não é compreendida como uma fonte de prazer e nem mesmo é vista como essencial por muitas pessoas. É necessário, pois, conscientizar a todos de que a leitura contribui muito para o enriquecimento cultural e, conseqüentemente, para a sociedade em que se vive.

A Leitura Crítica

Sabe-se que a leitura contribui para a formação social e intelectual do ser humano e, considerando a importância de formar cidadãos críticos e independentes, acredita-se que há possibilidade de fazer da leitura um grande e eficaz elemento no desenvolvimento da criticidade do leitor.

Além disso, leva-se em consideração o fato de que a criticidade, desenvolvida através da leitura é de suma importância, pois parte-se da ideia de que, tornando-se uma pessoa crítica, obtêm-se liberdade para refletir, concordar ou discordar do que se lê.

Neste sentido, Silva (2008, p.26) afirma que:

Pela leitura crítica o sujeito abala o mundo das certezas (principalmente as da classe dominante), elabora e dinamiza conflitos, organiza sínteses, enfim combate assiduamente qualquer tipo de conformismo, qualquer tipo de escravização às ideias do texto.

Quem lê criticamente deixa de ser submisso ao texto, assume uma postura ativa e acaba trabalhando ainda o seu lado intelectual. Porém, não é o que se vê, frequentemente, nas escolas, pois os alunos, geralmente, não possuem interesse em expressar suas opiniões e, muitas vezes, nem sabem o que é uma leitura crítica.

Nesse sentido, Souza (2002, p. 13) relata que, ao longo da sua atuação como docente, constatou que um grande número de alunos possui dificuldades em fazer uma leitura crítica.

Por outro lado, além dessa dificuldade já existente por parte dos alunos, muitas vezes, o professor trabalha de forma equivocada, ou seja, prioriza a nomenclatura gramatical em sala de aula, quando poderia privilegiar atividades de leitura crítica. Nesse sentido, Souza (2002, p. 13) afirma, ainda, que é possível constatar que a maior parte do tempo destinado às aulas de língua portuguesa é consumida com atividades que envolvem gramática, e o aluno, com isso, vai ficando longe do processo de leitura e elaboração de textos.

Percebe-se que a falta de preparo e, por vezes, de empenho no exercício da leitura, resulta no prejuízo da formação crítica do aluno/leitor.

Entretanto, uma vez que a criticidade consiste no entendimento individual de cada um sobre a concepção do que se está sendo lido, tem-se em vista compreender, de forma particular, o assunto que está explanado a partir de questionamentos peculiares acabando por formar, até mesmo, opiniões distintas na leitura de um mesmo texto.

Pautado nessas informações, compreende-se a importância com que deve ser levada a leitura crítica, pois cada vez mais, torna-se preocupante o número de alunos que não possui o entendimento dela.

A respeito disso, Souza (2002, p. 13) ressalta que “Como resultado disso, temos um contingente de alunos que, já no Ensino Médio, não consegue elaborar um pensamento com clareza, muito menos realizar uma leitura crítica”. A partir desta realidade, reforça-se cada vez mais a necessidade de fazer com

que o leitor reflita e questione o texto, pois o mundo possibilita diversas leituras, sendo elas, imagens, textos escritos, músicas, entre outros.

Além disso, a leitura é um processo de interação entre leitor e texto, configurando-se um meio de aquisição do que se passa ao redor do homem; portanto, tem dimensão social e cultural; provoca, enriquece e encaminha a reflexão (SOLE, 1998).

Silva (2000, p.79) afirma, ainda, que "A leitura crítica é condição para a educação libertadora, é condição para a verdadeira ação cultural que deve ser implementada nas escolas", considera-se a leitura crítica como uma forma de abranger visões, reflexões e ideias, levando-o a fazer questionamentos, de modo a contribuir social e intelectualmente tanto para o cidadão leitor quanto para a sociedade em que ele vive.

Considerações sobre os implícitos

Ao abordar questões de linguagem, mais especificamente no campo semântico, quando se pensa em implícitos, é necessário focar dois aspectos fundamentais: os pressupostos e os subentendidos.

Para compreendermos a importância dos implícitos no estudo da linguagem, deve-se, inicialmente, entender os seus conceitos.

Quanto aos pressupostos, Ducrot (1997 apud ZANDWAIS, 1990, p.19), traz a seguinte contribuição:

Caracteriza-se a pressuposição como um elemento presente no conteúdo dos enunciados [...] Pressupor não é dizer o que o ouvinte sabe ou que se pensa que ele sabe, mas situar o diálogo na hipótese de que ele já soubesse.[...] Os pressupostos passam a constituir-se em informações implícitas no próprio conteúdo semântico dos enunciados.

Em outras palavras, ao pressupor, não se hipotetiza ou adivinha-se o que está inserido no texto, mas extraem-se informações dos enunciados e as constrói, partindo disso. Os pressupostos só podem ser entendidos através de palavras ou expressões.

De acordo com Ducrot (1997 apud ZANDWAIS 1990, p. 31) “De modo sistemático, os sentidos implícitos produzidos pelos componentes linguísticos e retórico, denominam-se subentendidos”.

Dessa forma, compreende-se que os subentendidos e pressupostos encontram-se em um campo muito próximo, porém, conceitualmente, ao compará-los, verifica-se que eles não seguem a mesma linha, pois enquanto um analisa rigorosamente o enunciado, o outro se faz através do próprio leitor.

Para Cruzeiro *et. al*, (2012):

É de suma importância a diferenciação dos pressupostos e subentendidos, pois esses dois temas, apesar de parecidos, trazem duas concepções divergentes, o primeiro leva-nos a conclusões fundadas em verdades compartilhadas, já o segundo, por sua vez, leva-nos a conclusões próprias.

Ao diferenciar pressupostos de subentendidos, Ducrot (1997 apud ZANDWAIS 1990, p. 30), afirma que “a pressuposição é parte integrante do sentido dos enunciados. O subentendido, por sua vez, refere-se à maneira pela qual esse sentido deve ser decifrado pelo destinatário”.

Os referidos implícitos são utilizados com o intuito de auxiliar o falante, tanto aquele que prefere ater-se ao que pretende dizer quanto àquele que tem como propósito falar e não ser prejudicado.

Para Zandwais (1990, p.12), entretanto, quando deixamos de ser transparentes no ato da fala, não somente estamos sendo beneficiados pelos implícitos, como também, deixando de sermos donos da nossa palavra. Conforme:

[...] A perda da transparência de sentidos na linguagem acaba sendo não somente um meio através do qual os sujeitos se resguardam de possibilidades de se expor inteiramente aos seus interlocutores, mas também uma decorrência do fato de que “é mito julgar que o homem é senhor de sua palavra”, em todas as circunstâncias.

Considerando-se este fato, verifica-se que, nem sempre, o que se pretende dizer pode ser dito da forma como se quer, devido ao fato de que,

cada vez mais, utilizar-se da objetividade no ato da fala, pode trazer prejuízos ao falante, no sentido de ser compreendido.

Nesta perspectiva, Zandwais (1990, p. 12), afirma que:

O procedimento de expulsar os perigos que advêm da objetividade no uso da língua, encontra lugar nas diferentes formas de implicar, no conteúdo da linguagem, aquilo que se quer dizer, de modo que não se tenha que pagar preços altos por aquilo que se diz.

Contudo, compreendendo a importância e a finalidade em que são utilizados os implícitos, pode-se considerá-los como partes ricas a serem analisadas em um texto e as letras de músicas são exemplos de textos ricos em implícitos.

Conforme França (2012, p.62):

Leva-se em conta as categorias de análise postas, pressupostos e subentendidos como partes de uma análise ampla de um texto, pois a leitura não se dá apenas no dito (no posto), mas, principalmente, também no que não está dito (nos implícitos), ativados pelos pressupostos e subentendidos, por meio de elementos linguísticos e pragmáticos.

Dessa forma, compreende-se que a compreensão dos subentendidos, fica a critério do leitor/ouvinte. É a partir de seu modo de interpretar e pensar que se compreende o que se quer dizer/escrever/falar. Todavia, quando se está do outro lado, falando ou escrevendo, tem-se um leque de maneiras para fazer seu uso, pois pode-se dizer o que se pensa de diferentes formas.

Nesta perspectiva, Ducrot (1997 apud ZANDWAIS 1990, p. 31), afirma:

O tipo de raciocínio que o interlocutor tem de realizar para aprender aquilo que está subentendido no discurso pode ser formalizado por: "se X achou oportuno dizer Y, é porque pensava Z", mas não achou convincente comprometer-se com sua fala.

Porém, pode-se verificar que, ao utilizar os subentendidos, há uma exigência maior de cautela, pois a partir deles pode haver comprometimento da fala ou escrita.

Ao verificar as concepções de pressupostos e subentendidos, compreende-se que, cada vez mais, a linguagem está presente no nosso contexto social e muito se fala nos direitos que o cidadão tem de dizer o que pensa na sociedade em que vive. Dessa forma, o uso dos implícitos em jornais, livros, revistas e, principalmente, em letras de músicas, torna-se cada vez maior.

Exemplificando, Zandwais (1990, p. 13) afirma:

Não é, pois, sem razão que, muitas vezes, sujeitos detentores de espaços de destaque na sociedade, ao falarem, tornam seus discursos tão opacos e incompreensíveis, que acarretam lacunas no entendimento de seus interlocutores.

Ao utilizar os implícitos, torna-se mais evidente a necessidade que o autor/leitor tem de “camuflar” o que ele pretende dizer, pois muitas vezes, como já dito, não se pode utilizar a palavra da forma como bem se entende e, por conta disso, o ato de implicitar torna-se frequente.

Todavia, há uma parte não beneficiada, nisso tudo. O ouvinte acaba sendo prejudicado, já que não é possível saber de que natureza é a intenção do falante. Para o interlocutor, o desafio é maior e depende da lógica para a compreensão do texto/discurso.

Assim, segundo Zandwais (1990, p. 13):

Desta forma, em se tratando de polêmicas instauradas entre sujeitos que reconhecem o poder da língua, na medida em que utilizam os recursos que ela oferece à “política de camuflagem dos confrontos ideológicos”, o ato de não dizer, mas apenas significar constitui uma atitude de desafio para o destinatário, porque o que não está dito tem de ser interpretado ou desvelado através de algum tipo de lógica, a fim de produzir efeitos de sentidos para o interlocutor, e, conseqüentemente, abrir um espaço para a tomada da palavra e revide deste último.

Compreende-se que as significações não-literais presentes em um texto, em letras de música ou outros, são ferramentas indispensáveis, pois através dos implícitos presentes nos enunciados, é possível fazer uma exploração ainda mais ampla da escrita ou da fala e, por conseguinte, da

língua. Beneficiando, assim, o ouvinte/leitor, resultando na sua ampla visão a respeito dos fatos.

Estratégias de leitura dos implícitos

As estratégias de leitura, geralmente, são utilizadas como auxílio na compreensão e interpretação e são consideradas muito importantes na exploração e na abordagem textual.

Neste sentido, quando falamos de estratégias de leitura, estamos falando de operações regulares para abordar o texto. Essas estratégias podem ser inferidas a partir da compreensão do texto, que por sua vez é inferida a partir do comportamento verbal e não verbal do leitor (KLEIMAN, 2004, p.49).

As estratégias, portanto, fazem parte do processo de desenvolvimento da leitura. São elas, percebidas como procedimentos que podem – e devem – ser adotados pelo leitor com o propósito de analisar e compreender o objeto de leitura.

Conforme Solé (1998, p. 70):

Se as estratégias de leitura são procedimentos e os procedimentos são conteúdos de ensino, então é preciso ensinar estratégias para a compreensão de textos. [...] Se considerarmos que as estratégias de leitura são procedimentos de ordem elevada que envolve o cognitivo e o metacognitivo, no ensino podem ser tratadas como técnicas precisas, receitas infalíveis ou habilidades específicas.

Desta forma, podem-se considerar as estratégias de leitura como uma forma eficaz de reflexão na busca pela interpretação do significado textual. Estas estratégias beneficiam o leitor no momento em que ele lê, pois se considera que cada pessoa adota o melhor modo de leitura que lhe cabe.

Alguns compreendem o texto ao lê-lo em voz alta, outros lendo silenciosamente e ainda outros que rabiscam o texto ou resumem.

A abordar esta questão, Kleiman (2004, p.49), afirma que:

[...] A compreensão dá-se através do tipo de respostas que ele dá a perguntas sobre o texto, dos resumos que ele faz, de suas paráfrases, como também da maneira com que ele manipula o objeto: se sublinha se apenas folheia sem se deter em parte alguma, se passa os olhos rapidamente e espera a próxima atividade começar, se relê.

Entretanto, esses processos, sozinhos, não são válidos, pois para interpretar, é preciso compreender e, para compreender, é preciso interpretar.

As estratégias de leitura, segundo Kleiman (2004) são divididas em cognitivas e metacognitivas.

De acordo com a autora:

As estratégias metacognitivas seriam aquelas operações (não regras), realizadas com algum objetivo em mente, sobre as quais temos controle consciente, no sentido de sermos capazes de dizer e explicar a nossa ação. [...] As estratégias cognitivas da leitura seriam aquelas operações inconscientes do leitor, no sentido de não ter chegado ainda ao nível consciente, que ele realiza para atingir algum objetivo da leitura. (KLEIMAN, 2004, p. 49)

Mesmo ao compreender a concepção e a disparidade entre as estratégias de leitura cognitivas e metacognitivas, deve-se contemplá-las como um meio de explorar e desvelar a linguagem não-literária presente em um texto. Pode-se verificar que os implícitos são definidos, também, como estratégias de leitura, pois, através deles, obtem-se um amplo campo para análise da linguagem verbal. Inúmeros são os benefícios para o leitor quando começa a compreender os implícitos presentes em um texto.

Neste sentido, Souza, Pasinato e Wayhs (2011, p. 67) ressaltam que, ao exercitar a capacidade de perceber as pressuposições e os subentendidos do discurso, o interlocutor deixa de ser inocente em relação aos enunciados e passa à posição de interpretante real, sujeito preparado para receber e avaliar mensagens.

Quando o interlocutor passa a identificar as informações implícitas em um texto, além de beneficiar-se, compreendendo melhor o texto, tem a possibilidade também, de abranger ainda mais o seu campo de reflexão, podendo assim concordar ou discordar com propriedade.

Conforme Cruzeiro *et.al.* (2012, p. 44):

Para uma leitura eficiente, o leitor precisa captar tanto as informações explícitas como também implícitas. Um bom leitor é aquele que consegue ler nas entrelinhas, senão acaba por despercebido alguns significados importantes e decisivos ou ainda cair no erro de concordar com coisas da qual rejeitaria se assim percebesse.

Entende-se que os textos, quase sempre, são repletos de informações implícitas, ao lê-los, nos são transmitidas várias informações. Entretanto, muitas dessas informações acabam não sendo apreendidas pelo leitor, caso este não tente decodificar os sentidos não literais presentes no texto.

Para que se obtenha um bom nível de leitura é preciso compreender o que está implícito no texto, ou seja, ler e compreender o que está nas entrelinhas.

Da forma como afirmam Souza; Pasinato e Wayhs, (2011, WEB):

[...] exercitar os atos de pressupor subentender [sic] é um aspecto importante para a formação de um usuário competente da língua, capaz de receber informações respondendo a elas de forma ativa e crítica. Sendo que um leitor incapaz de ler nas entrelinhas é um alvo fácil de manipulação, ao apreender os pressupostos ele se torna capaz de enfrentar um discurso preparado para dar respostas diversas de forma inteligente, sabendo interpretar o que é dito.

Assim, vistos os benefícios que envolvem o uso dos implícitos em um enunciado, e considerando a sua importância no auxílio à interpretação e compreensão, acredita-se que precisamos conscientizar-nos de que, muito além do fato de ler o que está dito ou escrito, está o fato de compreendermos o que, e com que intenção, os sentidos não literais são empregados. A seguir, apresenta-se a análise das músicas.

A análise

Considerando a discussão teórica estabelecida relacionado à importância dos pressupostos e subentendidos, vale ressaltar que, quando se trata de letras de músicas, obtêm-se uma grande fonte para a análise dos implícitos, visto que, muitas vezes, os compositores consideram este gênero como forma de expressarem o que pensam a respeito de determinado tema e, com isso, expõem suas ideias através delas.

De acordo com Zandwais (1990), o ato de pressupor passa a ser visto como um tipo de ato de fala particular, do qual se servem os usuários da língua, para veicular um número ilimitado de informações que não podem ser colocadas sob sua responsabilidade, senão quando apreendidas.

Desta forma, percebe-se que, quando se utiliza o ato da fala ou da escrita, muitas vezes, pode-se explorar as informações implícitas como forma de não comprometer-se com a fala e, mesmo assim, dizer o que se pensa.

Isso ocorre, frequentemente, em letras de músicas. Geralmente o autor manifesta sua opinião por meio de metáforas e implicações que, muitas vezes, só podem ser percebidas através da leitura das entrelinhas.

Isto posto, optou-se por analisar as letras das músicas "Meu mundo é o Barro" (Anexo A) e "A minha alma (A paz que eu não quero)" (Anexo B), da banda "O Rappa", as quais são ricas em informações implícitas. Vale ressaltar que, para a análise dos pressupostos e subentendidos, usou-se um modelo de análise apresentado por Zandwais (1990), o qual traz, de forma didática, estratégias de leitura, com exemplos ilustrativos. Com o objetivo de facilitar as descrições, o termo enunciado será abreviado por E, pressuposto, por pp e subentendido, por S.

Análise da letra da música "Meu mundo é o barro" (ANEXO A)

E1 Moço, peço licença

E2 Eu sou novo aqui

E3 Não tenho trabalho, nem passe, eu sou novo aqui

E4 Não tenho trabalho, nem classe, eu sou novo aqui

Percebe-se, em relação às pessoas do discurso, que apenas uma delas pratica a ação. A1¹ pratica as ações ao longo da letra da música e A2 é apenas citado em alguns trechos. Contudo, ele utiliza-se do termo “moço” para generalizar, idealizar ou representar alguém.

Considerando os enunciados, observam-se em E1 e E2 os seguintes pressupostos:

Pp1: A1 pede licença para fazer algo;

Pp2: A1 é considerado novo no lugar.

Com relação a E3 e E4, é possível depreender os seguintes pressupostos::

Pp1: A1 está desempregado.

Pp2: Podemos considerar o passe como uma autorização ou permissão. Logo, A1 não tem autonomia ou autorização para fazer o que quiser por ser novo no lugar;

Pp3: A1 considera-se sem classe, não se encaixa em alguma classe de pessoas.

Quanto aos subentendidos, verifica-se o seguinte:

S1: Considera-se A1 uma pessoa desprivilegiada, por não ter emprego, não se enquadrar em nenhuma classe social, não ter passe;

S2: A1 não tem passe e, conseqüentemente, não tem autorização para ir aonde quer.

S3: O lugar onde A1 está chegando, pode ser comparado à sociedade, pois se acredita que ele chega renovado, novo ali, porém, em condições precárias.

¹ Utilizou-se a letra “A”, nesta análise, como abreviação para o termo “participante do discurso”. Assim, A1 é o participante 1 e assim sucessivamente.

Vale destacar, neste momento, que, enquanto os pressupostos produzem informações já dadas pelos itens gramaticais e lexicais que constituem os enunciados, os subentendidos se constituem em informações novas, que podem ser obtidas pelo interlocutor, a partir de um cálculo semântico-discursivo (ZANDWAIS, 1990, p.32).

Conforme a teoria apresentada, verifica-se que os pressupostos ocorrem por intermédio do léxico, enquanto os subentendidos são compreendidos pelo entendimento e interpretação do interlocutor.

E5 Eu tenho fé, fé

E6 Que um dia vai ouvir falar de um cara que era só um Zé, Zé

E7 Não é noticiário de jornal, não é, é

Em E5, E6, e E7, é possível depreender os seguintes pressupostos e subentendidos:

Pp1: A1 tem fé, acredita em alguém ou alguma coisa;

Pp2: Há alguém em que se pode ter fé;

Pp3: A1 acredita que alguém, de modo geral, ouvirá falar de um Zé.

Pp4: Existe alguém considerado um Zé.

Pp5: O noticiário é um meio de ouvir falar de alguém, ou seja, um meio de comunicação e informação.

Pp6: Existem outros meios de informações pelo qual se pode ouvir falar de alguém.

Pp7: Alguém vai ouvir falar de A1.

S1: A1 acredita que um dia se dará bem na vida, que não será mais considerado um Zé, de Zé Ninguém.

S2: A1 será reconhecido, mas de uma forma boa, sem ser em um noticiário de jornal, como um bandido.

Já no trecho 3, observam-se os seguintes enunciados:

E8: Sou quase um cara

E9: Não tenho cor, nem padrinho

E10: Nasci no mundo, sou sozinho

E11: Não tenho pressa, não tenho plano, não tenho dono

Quanto aos pressupostos e subentendidos, nota-se que:

Pp1: A1 não se considera um homem completo, pois utiliza o termo "quase".

Pp2: A1 considera-se sem cor e sem padrinho.

Pp3: A1 é solitário, não tem ninguém ao seu lado.

Pp4: A1 não tem dono, o que reforça o fato de ser solitário

S1: A1 não se considera um ser completo, que não quer ser representado pela sua cor, pelas pessoas ao seu redor, consideradas padrinhos ou madrinhas, que não quer ser rotulado.

S2: A1 não tem pressa na vida e nem planos para ela. Alguém que deixa tudo acontecer sozinho.

Ao tratar de um tema em que, muitas vezes, repercute a grande divergência de ideias, como a opção religiosa, observa-se que aquilo que não se deve dizer sob pena de criar-se um confronto com o interlocutor, pode ser dito de forma indireta, de modo que as responsabilidades das conclusões obtidas pelos interlocutores não recaiam sob o locutor. E deste modo, o segundo pode sempre isentar-se de eventuais acusações que lhe possam ser feitas (ZANDWAIS,1990, p. 34).

Dando sequência ao estudo, analisaram-se os seguintes enunciados:

E12 Tentei ser crente

E12 Mas, meu cristo é diferente

E14 A sombra dele é sem cruz, dele é sem cruz

E15 No meio daquela luz, daquela luz

Pp1: A1 tentou acreditar em Deus

Pp2: A1 percebeu que não é com o cristianismo com o qual se identifica.

Pp3: Existe um Cristo com sombra de cruz.

Pp4: Quando o Deus de que A1 fala é colocado à luz, produz uma sombra de cruz.

S1: A1 tentou crer em Deus, em alguma religião, porém não se identificou com nenhuma, o que remete à origem do estilo da banda e às crenças dos integrantes, que são Umbandistas.

O trecho 5, no entanto, compreende os seguintes pressupostos e subentendidos:

E16: E eu voltei pro mundo aqui embaixo

E17: Minha vida corre plana

E18: Comecei errado, mas hoje eu tô ciente

E19: Tô tentando, se possível, zerar do começo e repetir o play

Pp1: A1 já havia estado no mundo "ali embaixo"

Pp2: A vida de A1 está correndo de forma plana.

Pp3: A1 havia feito coisas erradas, não tinha consciência do certo ou errado, porém, agora, tem consciência.

Pp4: A1 tenta e espera recomeçar para repetir o play

S1: A1 está procurando reorganizar sua vida calmamente, sem altos e baixos, tentando iniciá-la novamente

Observa-se, neste trecho, a exploração da figura de linguagem chamada metáfora, em que a vida é comparada a um rádio, fita ou vídeo.

No último trecho da letra da música, tem-se a presença dos implícitos para justificar atos e atitudes de A1.

E20 Não me escoro em outro e nem cachaça

E21 O que fiz tinha muita procedência

E22 Eu me seguro em minha palavra

E23 Em minha mão, em minha lavra

Pp1: Existem pessoas que se escoram nos outros e em bebidas alcoólicas.

Pp2: A1 fez algo com procedência

Pp3: A1 se assegura com suas palavras, com as mãos e com seu trabalho.

S1: A1 não vê a saída de seus problemas em outras pessoas ou em bebida alcoólica.

S2: A1 teve razão para agir.

S3: A1 vê a saída para seus problemas através das palavras, do uso das mãos para o toque dos instrumentos, o que, conseqüentemente, retrata no à realidade da banda, ou seja, cantar e tocar fazendo música.

Observa-se que, por meio do uso das informações implícitas encontradas na letra da música analisada, vê-se também uma grande abordagem à crítica social, à insatisfação em relação aos rótulos atribuídos às pessoas e às atitudes do ser humano em meio à sociedade.

Dessa forma, compreende-se que os implícitos foram utilizados com o intuito de criticar sem comprometer o locutor, visando, também, conscientizar o interlocutor sobre o que pensam de determinado assunto.

É, portanto, pautado em todas as situações elucidativas já expostas que se pode concluir que decodificar subentendidos nos atos de fala não implica simplesmente tentativas de apreender o que o falante diz, mas o que ele pretende dizer com o que ao interlocutor (ZANDWAIS, 1990, p. 40).

Isso pode ser visto também, na música "A minha alma (a paz que eu não quero)", onde observamos outra crítica à sociedade.

Análise da letra da música "A minha alma (a paz que eu não quero)"

Na tentativa de extrair os sentidos não-literais da letra da música acima mencionada, foram analisados os seguintes enunciados:

E24: A minha alma 'tá' armada e apontada,

E25: Para a cara do sossego!

E26: Pois paz sem voz, paz sem voz

E27 Não é paz, é medo!

Nesta estrofe, inicialmente, pode-se perceber que o narrador se encontra em primeira pessoa, porém, não fala de suas atitudes, diferentemente, vistas na música anterior, em que A1 era o narrador, mas descrevia seus atos ao longo da letra da música.

Pp1: A alma do narrador está em frente ao sossego.

Pp2: A paz, sem voz, não pode ser caracterizada como paz, mas sim como medo.

Pp3: A paz é tida, também, como medo.

S1: A alma do falante procura sossego.

S2: O narrador acredita que quando silenciado pela sociedade, não está tendo paz, mas sim, sendo amedrontado.

Em todas as letras de música da banda e, especificamente, na segunda letra analisada, percebe-se que o falante já possui um conhecimento prévio do modo como a sociedade vem sendo transformada no decorrer do tempo, pois ressalta que a liberdade e a paz desejada por todos, estão sendo transformadas em medo.

Nesta perspectiva, Zandwais ressalta que, para conseguir compreender o que o locutor pretende dizer, é necessário que se conheça previamente, pelo menos, parte do assunto que está sendo dito.

É, pois, a partir desta acepção que se pode caracterizar o ato de decodificar subentendidos, como translíngüístico, já que a compreensão daquilo que está mascarado no discurso depende, necessariamente, do conhecimento das circunstâncias históricas que originaram o dizer. (ZANDWAIS, 1990, p.40)

No segundo trecho da letra, o objeto ao qual o falante refere-se não é mais a sua alma, passando a ser, a sua vida.

E28 As vezes eu falo com a vida,

E29 As vezes é ela quem diz:

E30 "Qual a paz que eu não quero conservar,

E31 'Prá' tentar ser feliz?"

Pp1: O falante fala com a vida

Pp2: A vida do falante utiliza-se da fala.

Pp3: Existe uma paz que não é conservada;

Pp4: A vida, ou o falante, tentam ser felizes.

S1: Por vezes, o narrador fala com ele mesmo e reflete sobre paz que precisa para ser feliz.

Outro termo a ser analisado nessa estrofe, em E28 e E29, é o fato do autor utilizar-se da figura de linguagem personificação, em que a vida, referida nos enunciados, passa a praticar uma ação feita por seres humanos, o ato de dizer, responder, de conversar com o falante.

Em relação ao terceiro trecho da letra, pode-se afirmar que os enunciados também são ricos em implícitos.

E32 As grades do condomínio

E33 São prá trazer proteção

E34 Mas também trazem a dúvida

E35 Se é você que tá nessa prisão

Pp1: Existem grades no condomínio

Pp2: As grades que estão no condomínio são para proteger

Pp3: Existem dúvidas quanto às grades do condomínio

Pp3: Existe uma prisão

Pp4: O condomínio precisa de proteção

S1: Ao ter grades no condomínio, acabamos por nos tornar prisioneiros em nossas próprias casas.

S2: As grades representam uma prisão.

Evidencia-se, nos enunciados acima, a indignação com a violência e a insegurança em que se encontram os cidadãos, os quais se tornaram prisioneiros, enquanto muitos criminosos estão livres e impunes.

E36: Me abrace e me dê um beijo,

E37: Faça um filho comigo!

E38: Mas não me deixe sentar na poltrona

E39: No dia de domingo, domingo!

Pp1: O falante quer ser abraçado e beijado;

Pp2: O falante quer um filho

Pp3: O falante não deseja ficar sentando na poltrona no domingo.

S1: O falante pede carinho, afeto e atenção.

S2: O falante não quer deixar sua vida passar, sentado nos domingos, em frente à televisão;

Percebe-se que o autor ou falante critica o comodismo da sociedade diante situação econômica, política e social do país. Ele afirma que as pessoas anseiam pelo fim da violência, entretanto não tomam atitudes para buscar a paz. De certa forma, trata-se de uma forma de clamar para que a sociedade reaja, tome atitudes, solte a voz e não fique acomodado no sofá, assistindo televisão e vendo a vida passar.

Por fim, pode-se considerar o quinto trecho e seus implícitos:

E40 Procurando novas drogas de aluguel

E41 Neste vídeo coagido...

E42 É pela paz que eu não quero seguir admitindo

Pp1: O falante já havia procurado, antes, drogas de aluguel

Pp2: O falante está procurando novamente por drogas de aluguel

Pp3: Existem drogas de aluguel em um vídeo coagido

Pp4: Existe um vídeo coagido;

Pp5: O falante não admite, devido à paz.

S1: O falante segue procurando pelos problemas na sociedade que são chamados de drogas de aluguel;

S2: O falante vê os problemas através da televisão ou vídeos;

S3: O falante vê os problemas por vídeos, mas finge não ver, não os admite, pois quer paz e não sentir medo.

Quando se analisa a letra como um todo, observamos que, muitas vezes, o sossego do cidadão brasileiro só se dá quando ele silencia, quando não fala dos problemas que vê. É silenciado pelo governo, pelos bandidos e, várias vezes, por falta de segurança, é forçado a viver preso, cercado de grades na sua própria casa, chegando a um ponto em que pede socorro, pede afeto, pois não quer ver a sua vida passar, não quer ver todos os problemas existentes na sociedade pela televisão, pois sabe que não pode se pronunciar. Ao fim de tudo, percebe que em busca da paz, não admite e não age perante a sociedade em que vive.

Ao longo das análises de ambas as letras das músicas, percebeu-se que, cada vez mais, confirma-se o fato de não se poder usar a fala do modo como se quer e, os implícitos evidenciam-se como importantes recursos na tentativa de eximir-se de responsabilidades durante os atos de fala.

Essa constatação vem ao encontro da concepção de Zandwais (1990, p.12), ao afirmar que, ao implicitar ideias, pensamentos ou desejos, isenta-se de qualquer responsabilidade sobre o conteúdo da fala.

Considerações finais

Ao concluir a análise, pôde-se compreender a relevância do uso dos implícitos no estudo da língua. As informações implícitas podem ser consideradas como uma importante estratégia para dizer algo sem assumir qualquer compromisso.

Ao longo da análise, verificou-se que as músicas da banda "O rappa" configuram-se como ricas fontes de implícitos, pois, no plano das significações implícitas, pressupostos e subentendidos trazem informações, muito além do

que se imaginava depreender através da leitura dos sentidos não literais do texto.

As letras das duas músicas revelam uma crítica social e fazem referência aos problemas que a sociedade atual enfrenta, como a violência e a desigualdade social. Isso fica claro, por exemplo, na música “Meu mundo é o barro”, segundo a qual os pobres são marginalizados e ninguém dá valor a eles. Mas mesmo assim, eles são mostrados como batalhadores, pessoas que, apesar do descaso da sociedade, buscam forças para continuar vivendo pela fé.

“A minha alma (a paz que eu não quero)” transmite uma indignação com a violência e as injustiças tão presentes na sociedade. Essa violência chegou ao ponto, segundo o texto, de transformar o cidadão num prisioneiro em sua própria casa, ou seja, enquanto esse cidadão busca segurança atrás das grades, os verdadeiros criminosos estão livres e impunes.

Percebe-se que há severa crítica às pessoas que se calam diante da realidade social. O participante do discurso afirma que sua alma está armada e apontada para aqueles que se calam e se acomodam, e os considera não como indivíduos que têm paz, mas que têm medo.

Vale ressaltar aqui que, em alguns dos enunciados analisados, pode haver mais implícitos do que os encontrados e, ao exercitar a capacidade de identificar os sentidos não literais em textos, como os de letras de músicas, por exemplo, o leitor deixa de ser passivo, passando à condição de leitor crítico, que realmente analisa e interpreta os sentidos do que lê.

Por fim, é possível afirmar que teoria apresentada por Zandwais (1990), com base em Ducrot (1977), traz uma importante contribuição àqueles interessados nas estratégias de leitura, pois aponta um norte no sentido de como decodificar os sentidos não literais do texto, o que provoca uma atitude reflexiva por parte do leitor.

Referências

CRUZEIRO, I. Domingues, J. Ferreira, J. S.S.. Krauss, D. Menon, A. D. C. MORAIS, Solenir de Fátima. OLIVEIRA, Aline de. *As Informações Implícitas: Pressuposto e Subentendido*. Disponível em: <http://guriadecwb.blogspot.com.br/2010/09/as-informacoes-implicitas-pressuposto-e.html>. Acesso em 29/09/2012

DUCROT, Oswald. *Princípios de semântica linguística: dizer e não dizer*. São Paulo: Cultrix, 1977.

FRANÇA José Marcos de. *Os implícitos no ensino da leitura: pressupostos e subentendidos*. Interdisciplinar. v.16, p. 61-75. Jul-dez de 2012

KLEIMAN, Angela. *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas: Pontes, 2004.

LOPES, Deonara Maria P.; ROSOLEN, Kátia Francieli R.; MORELLI, Sonia Maria Dornellas; *O hábito e o prazer na leitura: Uma fonte de conhecimentos*. Revista Akrópolis, Umuarama, v.12, nº.3, p.151. jul./set., 2004

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense . 2003.

SILVA, E. T. *Criticidade e leitura*. Ensaios. São Paulo/ Campinas: Mercado das Letras. 2008.

SMITH, F. *Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Antonio Escandiel de. *Cartas de mala-direta: uma proposta de oficina de leitura via pesquisa-ação*. Cruz Alta. UNICRUZ, 2002.

SOUZA, Antonio Escandiel. PASINATTO, Rubiamara. WAYHS, Mariana de Oliveira. O ato de pressupor e subentender: *Considerações sobre aspectos semânticos na leitura e compreensão dos sentidos do texto*. Disponível em: http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao17/art_souzaetal.php Acesso em 25/10/2012

ZANDWAIS, Ana. *Estratégias de leitura: como decodificar sentidos não-literais na linguagem verbal*. Porto Alegre. Sagra, 1990.

ANEXO A

Letra da música **"Meu mundo é o barro"** **(O Rappa)**

Moço, peço licença
Eu sou novo aqui
Não tenho trabalho, nem passe, eu sou novo aqui
Não tenho trabalho, nem classe, eu sou novo aqui
Sou novo aqui
Sou novo aqui
Eu tenho fé, fé
Que um dia vai ouvir falar de um cara que era só um Zé Zé
Não é noticiário de jornal, não é é
Não é noticiário de jornal, não é é
Sou quase um cara
Não tenho cor, nem padrinho
Nasci no mundo, sou sozinho
Não tenho pressa, não tenho plano, não tenho dono
Tentei ser crente
Mas, meu cristo é diferente
A sombra dele é sem cruz, dele é sem cruz
No meio daquela luz, daquela luz vai
E eu voltei pro mundo aqui embaixo
Minha vida corre plana
Comecei errado, mas hoje eu tô ciente
Tô tentando se possível zerar do começo e repetir o play
Repetir o play
Não me escoro em outro e nem cachaça
O que fiz tinha muita procedência
Eu me seguro em minha palavra
Em minha mão, em minha lavra

ANEXO B

Letra da música **"A minha alma (a paz que eu não quero)"**

"O Rappa"

A minha alma tá armada e apontada
Para cara do sossego!
(Sêgo! Sêgo! Sêgo! Sêgo!)
Pois paz sem voz, paz sem voz
Não é paz, é medo!
(Medo! Medo! Medo! Medo!)
As vezes eu falo com a vida,
As vezes é ela quem diz:
"Qual a paz que eu não quero conservar,
Prá tentar ser feliz?"
As grades do condomínio
São prá trazer proteção
Mas também trazem a dúvida
Se é você que tá nessa prisão
Me abrace e me dê um beijo,
Faça um filho comigo!
Mas não me deixe sentar na poltrona
No dia de domingo, domingo!
Procurando novas drogas de aluguel
Neste vídeo coagido...
É pela paz que eu não quero seguir admitindo
É pela paz que eu não quero seguir
É pela paz que eu não quero seguir
É pela paz que eu não quero seguir admitindo